

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE DA FAMÍLIA**

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO DIA A DIA DA POPULAÇÃO ASSISTIDA
PELA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

HELOISA MARIA FERNANDES DE ALMEIDA

CONSELHEIRO LAFAIETE/ MINAS GERAIS

2011

HELOISA MARIA FERNANDES DE ALMEIDA

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO DIA A DIA DA POPULAÇÃO ASSISTIDA
PELA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Linhares B. de Araújo

CONSELHEIRO LAFAIETE/ MINAS GERAIS

2011

HELOISA MARIA FERNANDES DE ALMEIDA

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO DIA A DIA DA POPULAÇÃO ASSISTIDA
PELA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Linhares B. de Araújo

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Raquel Linhares Bello de Araújo

Prof. Dr. Antônio Thomaz Gonzaga da Matta Machado

Aprovado em Belo Horizonte: 17/12/2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS pelas diversas graças alcançadas, principalmente pelo dom da vida e de poder gerar um novo ser atualmente crescendo e desenvolvendo dentro de mim.

Ao meu marido Miguel pelo carinho, paciência, cumplicidade, respeito, ajuda e compreensão nos momentos de ausência.

A equipe da Unidade de Saúde Monsenhor Gerardo Magela que muito contribuiu para a realização deste sonho.

A orientadora Raquel Linhares Bello de Araújo pela disponibilidade, dedicação e tranquilidade durante a realização deste trabalho.

A todos que direta ou indiretamente auxiliaram a vencer mais um desafio.

Sem dúvida alguma, “O Reino Vegetal, fonte dos alimentos que nós comemos e do oxigênio que respiramos, anunciará a medicina do futuro.” (FLETCHER HYDER, 1982 *apud* BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA, 2009).

RESUMO

As plantas medicinais fizeram e continuam fazendo parte da vida de uma boa parcela da população. São recursos antigos e atuais, muitas delas já possuem comprovação de sua eficácia. As pessoas utilizam por tradição e até mesmo por falta de recursos para cuidar da saúde o que tem atendido de alguma forma as demandas de saúde/doença de diversas famílias. Ao reconhecer a importância das plantas medicinais como recurso terapêutico, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem aconselhado o desenvolvimento de ações que visem à inclusão das plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde. Infelizmente muitas pessoas utilizam desse recurso terapêutico de forma inadequada acreditando que por ser natural não poderá provocar alterações prejudiciais ao organismo. O presente trabalho visou a realização de uma revisão de literatura a fim de se adquirir informações sobre as principais plantas utilizadas pela população adscrita na área da abrangência da Estratégia Saúde da Família (ESF) Monsenhor Gerardo Magela além da aquisição de conhecimentos para poder orientar seu uso evitando assim reações adversas ocasionada pelo uso indevido. Foi observada a partir da pesquisa realizada que várias tradições, conhecimentos e práticas não são contemplados pelos profissionais de saúde atuantes na Atenção Primária a Saúde (APS) por diversos motivos.

Palavras chaves: plantas medicinais, atenção básica a saúde, enfermeiros, aspectos legais da utilização das plantas medicinais.

ABSTRACT

Medicinal plants have done and continue to be part of the life of a good portion of the population. These resources past and present, many of them already have evidence of its effectiveness. People use by tradition and even for lack of resources for health care that has somehow met the demands of health illness of several families. Recognizing the importance of medicinal plants as a therapeutic resource, the World Health Organization (WHO) has advised the development of actions aimed at the inclusion of medicinal plants in Primary Health Care Unfortunately many people use this therapeutic resource improperly believing that to be natural may not cause harmful changes to the body. This study aimed to carry out a review of the literature in order to acquire information about the main plants used by the enrolled population in the area of coverage of the Family Health Strategy (FHS) Monsignor Gerardo Magela beyond the acquisition of knowledge to guide their use avoiding adverse reactions caused by misuse. It was observed from the survey that many traditions, knowledge and practices are not covered by health professionals working in Primary Health Care (PHC) for several reasons.

Keywords: medicinal plants, primary health, nurses, legal aspects of using medicinal plants.

LISTA DE ABREVIATURAS

OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE
ESF	ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA
RE	RESOLUÇÕES ESPECÍFICAS
APS	ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE
RS	RIO GRANDE DO SUL
MS	MATO GROSSO DO SUL
PSF	PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA
A.C	ANTES DE CRISTO
APS	ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE
SUS	SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
EMBRAPA	EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA E AGROPECUÁRIA
CE	CEARÁ
MG	MINAS GERAIS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Justificativa.....	10
1.2 Objetivos.....	11
<i>1.2.1 Objetivo Geral.....</i>	<i>11</i>
<i>1.2.2 Objetivos específicos.....</i>	<i>11</i>
2 METODOLOGIA.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	26
5 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

Uma das principais atividades responsáveis por solucionar parcialmente os problemas enfrentados pelo ser humano no que diz respeito ao processo de saúde e doença é a utilização de plantas medicinais. Estas são utilizadas não só pelo conhecimento proveniente do senso comum bem como algumas delas já possuem comprovação científica de sua eficácia. São consideradas plantas medicinais aquelas que possuem, em sua composição físico química, propriedades terapêuticas capazes de preservar a saúde, tratar doenças e restaurar o bem estar do ser humano (ALVIM, FERREIRA, 2007). Várias delas possuem ação terapêutica comprovada e representam importante fator para manutenção da saúde (TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2006).

As formas mais frequentes de preparar e utilizar as plantas em ambiente domiciliar incluem os chás, cuja preparação é a base de maceração, infusão, decocção e inalação; as alcoolaturas, xaropes, garrafadas, compressas, banhos e cataplasmas (ALVIM, FERREIRA, 2007).

Conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), 80% da população de países em desenvolvimento utilizam de práticas tradicionais na atenção primária sendo que 85% destes fazem uso de plantas medicinais (CARVALHO *et al.*, 2007; NICOLETTI *et al.*, 2010).

Segundo Baluna e Kinghorn, 2005, 48% dos remédios utilizados na terapêutica são produzidos direta ou indiretamente a partir das plantas medicinais.

Apesar da utilização das plantas medicinais como forma de tratamento de doenças ter se iniciado há muito tempo atrás, é um hábito que se mantém ainda nos dias atuais. Entretanto, nem todos os profissionais da saúde estão familiarizados com a aplicação desta técnica de tratamento. Assim sendo, a realização desta pesquisa visa, através de estudos de revisão de literatura, a aquisição de conhecimentos para melhor orientar a utilização ou não das plantas medicinais na terapia medicamentosa alternativa.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho foi realizar uma revisão de literatura a fim de se adquirir mais informação a respeito das principais plantas utilizadas e a forma de preparo destas pela população do município de Barão de Cocais, Minas Gerais assistida pela Estratégia Saúde da Família Monsenhor Gerardo Magela e a partir dos dados obtidos por meios deste, elaborar futuramente um protocolo para utilização destas plantas na terapia medicamentosa alternativa pelos profissionais de atenção básica à saúde da região.

1.2.2 Objetivo específico

Este trabalho teve como objetivo específico:

- Realizar revisão bibliográfica a fim de se conhecer a comprovação científica da eficácia das plantas utilizadas.

2 METODOLOGIA

O presente estudo tem características de pesquisa básica, visando ampliar os conhecimentos teóricos sobre o tema, conhecer através de levantamento de dados as principais plantas utilizadas pela população local no tratamento de doenças como hipertensão, diabetes, infecções respiratórias, infecções renais e ansiedade além de ter caráter descritivo, bibliográfico e interdisciplinar. O método utilizado foi de revisão de literaturas empregando-se as palavras chaves: plantas medicinais, atenção básica a saúde, enfermeiros, aspectos legais da utilização das plantas medicinais. Para a realização desta pesquisa foram utilizados os bancos de dados indexados da Scielo, Bireme, Ministério da Saúde, Google Acadêmico nos quais selecionou-se artigos científicos sobre o tema do período de 2000 até a presente data.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Em 1994, o Ministério da Saúde criou o PSF (Programa Saúde da Família) cujo objetivo principal é reorientar o modelo assistencial de saúde investindo especialmente em ações de prevenção e promoção da saúde a partir da realidade local de cada família (BRASIL, 2000). Sua finalidade é cooperar com o acesso universal e integral na assistência respeitando o princípio da equidade. Sendo assim, várias alternativas complementares como a homeopatia, plantas medicinais, fitoterapia, dentre outras, foram incluídas para auxiliar nos cuidados com a saúde (BRASIL, 2006).

A utilização de plantas medicinais nos programa de atenção básica à saúde deve ser considerada uma ótima alternativa, pois valoriza a cultura popular, pode ser fonte geradora de emprego e renda, são de baixo custo, de fácil aplicação e apresenta boa aceitação populacional (BRASIL, 2009).

As plantas medicinais são aquelas utilizadas pela população com o intuito de prevenir, diminuir ou curar doenças (CARVALHO *et al.*, 2007; CEOLIN *et al.*, 2011). A utilização de produtos medicinais preparados através das plantas é uma experiência comum no ramo da medicina desde a antiguidade (CARVALHO *et al.*, 2007).

Coordenado pelo professor Dr. Francisco José de Abreu Matos, o Farmácias Vivas, criando em 1985, é um dos mais antigos e bem sucedidos programas de uso de plantas medicinais em Atenção Primária a Saúde (APS) no Brasil. Tal projeto segue orientação da OMS e teve sua origem a partir da constatação da utilização de plantas medicinais (MATTOS, 1994 *apud* PICCININI, 2008; BARATA, GERMANA, 2003).

Ao falar de plantas medicinais é necessário diferenciá-las dos medicamentos fitoterápicos. Estes são medicamentos industrializados ou processados contém como parte ativa somente plantas medicinais e recebem uma legislação específica que lhe garantem conhecimento de sua eficácia e risco de uso (MENDES, MENTZ, SCHENKEL, 2001).

Sabe-se que a medicina popular desenvolveu-se através das queixas simples de saúde, desta forma, as plantas medicinais possuem enorme aplicabilidade em certas enfermidades que são responsáveis por cerca de 95% dos atendimentos primários de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2009).

Segundo Tomazzoni, Negrelle, Centa (2006) os relatos antigos da utilização das plantas medicinais tem revelado que elas fazem parte do desenvolvimento humano, sendo os primeiros recursos terapêuticos e até mesmo formas alimentares usadas pelos povos antes da

existência de qualquer registro escrito indicando ou contra indicando seu emprego. Com isso, muitos, ao utilizá-las tiveram sucesso e fracassos, pois para alguns, as plantas podiam ser usadas para cura de doenças e em outros casos sua utilização culminava com a morte ou produziam efeitos colaterais graves.

Os primeiros dados escritos encontrados sobre o uso de plantas como medicamentos são citados na obra chinesa *Pen Is'ao* (A grande fitoterapia), de Shen Nung, com origem em 2800 a.C. Antigos papiros como o Papiro Elvers, encontrados no Egito, expõem que a partir de 2000 a.C, muitos médicos usavam as plantas como remédio e associavam a falta de saúde como resultado de causas naturais e não como causada por forças de espíritos maus. No Papiro Elvers com data de cerca de 1500 a.C, 700 drogas diferentes foram apresentadas, no qual também estavam incluídos extratos de plantas, metais como chumbo e cobre e veneno de animais (ELDIN, DUNFORD, 2001 *apud* TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2006).

Os egípcios, assírios e hebreus, desde 2300 a.C exerciam a agricultura, cultivavam várias ervas e criavam vários medicamentos. Esses relatam ainda que Hipócrates (460-377 a.C), conhecido como o “Pai da Medicina” apresenta em sua obra *Corpus Hipocratium*, o resumo de conhecimentos médicos da sua época, apresentando para cada doença o medicamento vegetal e o tratamento indicado. Encontra-se também na Bíblia muitas referências de plantas de poder curativos e seus derivados (MARTINS, CASTRO, CASTELLANI, 2000 *apud* TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2002).

O reconhecimento, a preservação e o estudo das plantas merecem atenção especial, uma vez que tanto as instituições privadas como as governamentais aproveitam os recursos naturais. Os cientistas admitem como certo que o segredo para a cura de muitas doenças encontram-se nas matas, especialmente na América Latina. Para Plotkin (1991) *apud* Motomiya *et al.* (2004), o Brasil possui o maior número de plantas do mundo e quanto maior a diversidade, maior o potencial de medicamentos novos a serem descobertos.

Estudos demonstram que cerca de 60% dos fármacos antitumorais e anti-infecciosos comercializados ou que estão em teste originaram-se de produtos naturais (MOTOMIYA, *et al.*, 2004). Estes relatam ainda que o empenho em cultivar plantas medicinais e aromáticas tem aumentado também pelo aspecto econômico o que pode contribuir para agricultores que acabam por ter a oportunidade de diversificar mais suas atividades na propriedade rural.

O estudo realizado por Motomiya *et al.* (2004) demonstra que o conhecimento sobre o uso terapêutico das plantas medicinais era passado empiricamente de geração para geração e geralmente da mãe para a filha. Sendo seu uso maior entre a população feminina e mais velha como afirmado por Piva (2002) *apud* Motomiya *et al.* (2004); Barrella, Breier, Leme (2010).

Estes lembram ainda que a população que mais utiliza plantas medicinais reside mais distante da unidade de saúde e desta forma procuram menos assistência dos profissionais de saúde.

A descoberta das propriedades medicinais ou nocivas existentes nas plantas originou-se empiricamente, por meio de observação dos comportamentos em animais e na investigação do conhecimento prático dos efeitos provocados ao organismo humano com a ingestão dos vegetais. A religião também representou papel importante na discussão das propriedades das plantas medicinais uma vez que muitas delas faziam parte de rituais religiosos nos quais os seres humanos acreditavam estar encontrando direto com os deuses (TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2006).

Conforme dados da OMS, 80% das pessoas de países em desenvolvimento utilizam de práticas tradicionais na Atenção Primária sendo que 85% delas utilizam plantas medicinais (CARVALHO *et al.*, 2007; NICOLETTI *et al.*, 2010).

Segundo Balunas e Kunghorn (2005) *apud* Carvalho *et al.* (2005) 48% dos remédios utilizados na terapêutica são produzidos direta e indiretamente a partir dos produtos naturais provenientes das plantas medicinais que são importantíssimas para a produção de medicamentos.

A população precisa ser orientada sobre a utilização das plantas medicinais evitando assim complicações à saúde, que podem depender da forma de uso, já que muitos acreditam que os produtos de origem natural não são prejudiciais a saúde. Sua utilização exige cuidados iguais aos outros medicamentos tais como: orientações com profissionais da saúde, comunicação ao médico e outros profissionais sobre a utilização de plantas medicinais e suas reações desagradáveis, cuidados com relação a gestação, mulheres que amamentam, crianças e idosos (CARVALHO *et al.*, 2007; NICOLETTI *et al.*, 2010).

Com a industrialização, a urbanização e com o progresso das tecnologias relacionadas ao desenvolvimento de medicamentos sintéticos, a população deixou de lado o conhecimento tradicional da utilização das plantas medicinais, o que levou à substituição de sua prática na medicina caseira (LORENZI, MATOS, 2002 *apud* TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2002). Desta forma, os povos passaram a utilizar os medicamentos industrializados acreditando ter cura rápida e total (GRAMS, 1999 *apud* TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2002).

O marco importante para reaver a utilização das plantas medicinais foi a reunião realizada pela OMS em 1977 que destacou na Declaração de Chiang Mai e teve como máxima: “Salvem plantas que salvem vidas” e a Alma Ata (1978) (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, 2006).

O cadastramento de plantas para preparação de chás é realizado junto à Gerência de Alimentos da Anvisa, através das resoluções RDC número 267/05 que está relacionada com o regulamento técnico de espécies vegetais para o preparo de chá, RDC número 277/05 responsável pelo regulamento técnico para café, cevada, chá, erva-mate e produtos solúveis, RDC número 278/05 que aprova as categorias de alimentos e embalagens dispensados e com obrigatoriedade de registro e a RDC número 219/06 que aprova a inclusão do uso das espécies vegetais e parte(s) de espécies vegetais para o preparo de chás (CARVALHO *et al.*, 2007).

Segundo Carvalho *et al.* (2007); Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, (2006) foi implantado no Brasil no ano de 2006 a Política Nacional de Práticas Integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde (SUS), aprovada através da Portaria Ministerial MS/GM número 971 de 03 de maio de 2006 e a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos publicada através do decreto número 5813 em 22 de junho de 2006. Ambas incentivam a pesquisa e o desenvolvimento com relação a utilização de plantas medicinais e fitoterápicos. Tais políticas valorizam e reconhecem tal recurso terapêutico como alternativa para o povo brasileiro (CAMPOS, BUDEL, PONTAROLO, 2010).

O homem através do conhecimento empírico e estudos observou que a presença de substâncias encontradas nas plantas quando usadas sob a forma de mistura complexa ou transformada podem beneficiar o organismo, recuperando a saúde (Lorenzi e Matos, 2002 *apud* Silva, Pelinso, Campelo, 2010). Desta forma, a utilização das plantas tem sido uma prática generalizada pela medicina popular tanto nas zonas urbana como rurais, como forma alternativa ou complementar aos tratamentos da medicina convencional (DORIGENI *et al.*, 2001). Além disto, o uso das plantas medicinais possibilita resgatar e preservar o conhecimento popular das comunidades (VALÊNCI, KEIZO, 2000 *apud* SILVA, PELINSO, CAMPELO, 2010).

Vários são os motivos que levam as pessoas a fazerem uso das plantas medicinais. No estudo realizado por Silva, Pelinson e Campelo em 2009, na região do município de Quedas do Iguaçu, Paraná, os usuários das plantas medicinais relataram fazer uso das ervas por serem naturais, de baixo valor financeiro, fácil aquisição e por acreditarem não possuírem efeitos colaterais. Já em outro levantamento etnobotânico realizado por Rodrigues e Carvalho (2007), o uso das plantas deve-se aos altos valores dos remédios sintéticos, ao desejo pelo bem estar e cura aceleradas das doenças, como também por acreditarem que apenas os medicamentos sintéticos são capazes de causar irritação no organismo. Sabe-se que o sistema de saúde oficial público não atende adequadamente às necessidades da população da zona rural, sendo que na sua maioria não possui condições financeiras para custear um tratamento médico

adequado. Além disso, os medicamentos industrializados são mais caros, o que impulsiona as pessoas a se entregarem à facilidade de adquirir as plantas medicinais que diversas vezes são cultivadas nos quintais de suas casas (PILLA, AMOROZO, FURLAN, 2006).

Em diversas populações tais como, indígenas e caiçaras, urbanas e rurais tem sido observada a utilização de plantas medicinais como forma de terapia para o tratamento de várias doenças. Silva, Pelinson, Campelo (2009); Garlete e Irgan (2001) e Amorozo (2002) relatam que seu principal emprego está relacionado com a solução de problemas do sistema digestório e respiratório. Além deles foi citada também a utilização para patologias relacionadas ao sistema nervoso, renal, circulatório, tegumentar, aumento do apetite, etc.

O saber relacionado a capacidade de curar através da utilização das plantas deixou de ser considerada apenas uma tradição passada de geração para geração e transformou-se em ciência que tem sido estudada, aperfeiçoada e aplicada por várias culturas ao longo dos tempos (TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2006). Tal fato demonstra que o uso de Terapias Alternativas na Atenção Primária à Saúde, deve ser incluída pelos profissionais da equipe de saúde das Unidades Básicas de Saúde sobretudo pelo enfermeiro. Todos deverão cooperar para o correto aproveitamento deste recurso terapêutico. Isto poderá estimular a autonomia das pessoas para preservação de sua saúde e auxiliar no enfrentamento da cura ou manutenção da saúde dos indivíduos sob seus cuidados, garantindo também uma assistência integral à saúde dos mesmos (SARAIVA, COSTA, XIMENES, 2003; TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2006). Segundo Barrella, Breier, Leme (2010) e Ceolin *et al.* (2011) a transmissão de informações ocorre, com maior intensidade pelo sistema informal de saúde. Os profissionais de saúde praticamente não são citados pela população usuária das plantas medicinais, como sendo responsáveis por orientarem tal prática. Tal fato possivelmente está relacionado à falta de preparo ou descrença dos profissionais de saúde (sistema formal) com relação a prática popular de cuidado à saúde. É interessante que as pessoas que exercem atividades na área de saúde estejam alertas aos recursos terapêuticos auxiliares, valorizando, estudando e utilizando espécies de plantas nativas no tratamento dos enfermos (BARRELLA, BREIER, LEMA, 2010). Estes ressaltam com pesar o despreparo das classes profissionais ao lidar com plantas medicinais, de forma que não conseguem auxiliar e esclarecer a população sobre o tema (utilização, indicações, plantas utilizadas), devido ao desconhecimento do assunto.

Ceolin *et al.* (2011) enfatizam que é importante a participação do enfermeiro no ambiente familiar da comunidade em que atua profissionalmente, tendo em vista a interação entre o saber popular e científico, garantindo ao indivíduo e à família autonomia no cuidado à

saúde. Sabe-se que é entre os membros da família que se espalham informações sobre os hábitos e cuidados com a saúde, bem como a utilização de plantas medicinais. É na família que se forma um modelo explicativo de saúde/doença já que é entre ela que ocorre a união de valores, crenças, conhecimentos e práticas fazendo com que os membros familiares criam uma forma de promover, prevenir e tratar doenças. Ressaltam ainda que a utilização de plantas medicinais no cuidado à saúde é uma área na qual o enfermeiro pode procurar qualificação já que, o Ministério da Saúde tem estimulado a introdução de terapias complementares no Sistema de Saúde. Afirmam ainda que tal profissional deve procurar desenvolver através do saber popular, novas maneiras de agir nos serviços de saúde, para desta forma, alcançar a desejada integralidade na assistência ao indivíduo e sua família (PINHEIRO, LUZ, 2007) garantindo assim a promoção da saúde e melhoras na qualidade de vida.

Tomazzoni, Negrelle e Centa (2006) destacam que o uso de plantas com finalidade terapêutica sem informações apropriadas tem sido fator de preocupação dos profissionais da saúde devido à incidência de espécies que apresentam dados de toxicidade e não adequação de uso. Neste mesmo estudo são apresentadas contra indicações de algumas plantas, como por exemplo, a erva doce e alecrim, citados como abortivos; a losna causa degeneração do sistema nervoso, alucinações e convulsões; a hortelã é depressora do sistema nervoso central; o confrei causa formação de tumores malignos na bexiga e fígado; o maracujá-folha, a losna-verde e a guiné são tóxicas.

Para Friedman (1986) *apud* Pilla, Amorozo, Furlan (2006), um bom critério para provar em juízo a utilização de uma planta é analisar a concordância de uso em uma comunidade. Quanto mais pessoas concordarem com a utilização de uma planta, maior a chance de que essa contenha algum composto químico que torna válido a sua utilização.

Em um estudo conduzido por Motomiya *et al.*, (2004), avaliando o uso de plantas medicinais pela população residente em Cassilândia – Mato Grosso do Sul (MS), sendo a maioria (84,8%) do sexo feminino cuja faixa etária corresponde a 30 e 50 anos, no tratamento de enfermidades que afetam o estômago, intestino e sistema respiratório, foi observado grande utilização de hortelã, boldo, erva cidreira, poejo, alecrim, mentrasto e camomila. Estas plantas eram preparadas na grande maioria na forma de chás. Foram citadas plantas frutíferas como sendo medicinais, sendo elas: abacateiro, goiabeira, maracujá e ervas condimentares como o alho. Alguns entrevistados citaram ainda o almeirão e o açafraão o que demonstra que muitas pessoas utilizavam estas variedades na culinária para tratar doenças comuns. Esta observação é importante visto que este mesmo estudo comprovou que pessoas bem nutridas, que fazem

uso de uma dieta equilibrada, adquirem mais resistência impedindo ou reduzindo a susceptibilidade de doenças.

Pilla, Amorozo, Furlan (2006) citam em seu trabalho o boldo (*Plectranthus borbatus Andrews*), o capim santo (*Cymbopogon citratus*), a hortelã (*Mentha*) e o poejo (*cunila microcephala*) como sendo as plantas mais utilizadas pela população adulta, sendo a maioria do sexo feminino, para curar doenças do sistema digestivo e respiratório, sendo esses os principais motivos de utilização seguido pelos problemas do sistema geniturinário e circulatório além de outros sinais, sintomas e achados anormais em exames tanto clínicos como laboratoriais.

Da pesquisa sobre abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na região urbana no município de Quedas do Iguaçu, Paraná, realizada por Silva, Pelinson, Campelo (2009), das 72 espécies utilizadas como medicinais pela população urbana desta região, as 10 mais citadas foram a macela, o falso boldo, capim limão, camomila, poejo, hortelã, malva, erva doce, manjerona e laranja.

Barrella, Breier, Lema (2010) observaram que a parcela da população que mais utiliza as plantas medicinais residem distantes das unidades de saúde pública, assim sendo, tem menos acesso aos profissionais de saúde. Das 30 plantas utilizadas pela população por eles pesquisada, sendo elas constituídas por idosos, as mais citadas foram: *Cymbopogon citratus* Stapf (capim-cidrão), *Mentha spp* (hortelã) e *Mikania spp* (guaco).

A tabela 1 apresenta uma coleção de plantas medicinais, aromáticas e condimentares existentes nas dependências da Sede da Embrapa, em Pelotas/RS.

Tabela 1: plantas medicinais, aromáticas e condimentares existentes nas dependências da Sede da Embrapa, em Pelota/RS.

FAMÍLIA	NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	USO
<i>Apiaceae</i>	Funcho	<i>Foeniculun Vulgare Mill</i>	Medicinal, aromática e condimentar
<i>Asteraceae</i>	Camomila	<i>Matricaria recutita L.</i>	Medicinal e aromática
<i>Asteraceae</i>	Carqueja	<i>Bacchari sp.</i>	Medicinal
<i>Asteraceae</i>	Guaco	<i>Mikania sp.</i>	Medicinal
<i>Boraginaceae</i>	Confrei	<i>Symphytum sp.</i>	Medicinal
<i>Lamiaceae</i>	Alfazema	<i>Lavandula sp.</i>	Medicinal e aromática

<i>Lamiaceae</i>	Hortelã	<i>Mentha spp.</i>	Medicinal, aromática e condimentar
<i>Lamiaceae</i>	Melissa	<i>Melissa officinalis L.</i>	Medicinal e aromática
<i>Liliaceae</i>	Babosa	<i>Aloe arborescens Mil</i>	Medicinal e aromática
<i>Passifloraceae</i>	Maracujá	<i>Passiflora alata Dryand</i>	Medicinal
<i>Plantaginaceae</i>	Tansagem	<i>Plantago sp.</i>	Medicinal
<i>Punicaceae</i>	Romã	<i>Punica granatum L.</i>	Medicinal
<i>Verbenaceae</i>	Erva cidreira	<i>Lippia alba (Mill.) N. E. Br</i>	Medicinal e aromática
<i>Zingiberaceae</i>	Gengibre	<i>Zingiber officinale Rosc.</i>	Medicinal e condimentar
<i>Poaceae</i>	Capim cidrão, capim cidreira, capim limão	<i>Cymbopogon citatus (DC.) Stopf.</i>	Medicinal e aromática
<i>Lamiaceae</i>	Alecrim	<i>Rosmarinus officinallis L.</i>	Medicinal, aromático e condimentar

Fonte; COUTO (2006)

Várias plantas já possuem sua eficácia cientificamente comprovada. Os estudos farmacológicos sobre o guaco indicam que o seu efeito broncodilatador e expectorante ocorre devido à presença de cumarina na sua composição. Entretanto, algumas pessoas tem receio de utilizá-lo, pois o produto promove a tosse, auxiliando assim na expectoração (PEREIRA *et al.*, 1994 *apud* GASPARETTO, *et al.*, 2010; HOUT, PAYÁ, 1996 *apud* GASPARETTO, *et al.*, 2010). Em outros estudos, o guaco apresenta parecer etnofarmacológico qualificando-o com propriedades tônica depurativa, antipirética, excitante do apetite além de auxiliar no tratamento de estado gripal (COIMBRA, 1942 *apud* SOARES *et al.*, 2006; CORTES *et al.*, 199 *apud* SOARES *et al.*, 2006; PEREIRA *et al.*, 2004; MATOS, 2000 *apud* SOARES *et al.*, 2006). Matos (2000) *apud* Soares *et al.* (2006) também citam a utilização das folhas cozidas para gargarejo no tratamento de processos inflamatórios da garganta.

Em um estudo de ensaio clínico aberto não controlado sobre o uso do maracujá na forma de infusão ou tintura das folhas e suas propriedades terapêuticas, Madeiros *et al.* (2009) observaram a capacidade deste de baixar os valores glicêmicos. Esta característica é

encontrada na casca quando consumida como farinha. Tal qualidade especial deve-se, parcialmente, à fibra solúvel presente que tem a capacidade de diminuir a absorção de carboidratos pelo organismo, o que explica seu poder hipoglicêmico.

Madeiros *et al.* (2009) concluíram que a administração da farinha do *Passiflora edulis*, na dose recomendada mostrou ser segura não tendo apresentado alteração que compromettesse sua utilização como alimento e exerceu atividades hipoglicemiantes e hipolipemiantes até mesmo em pessoas saudáveis. Porém os resultados não abonam a ausência de reações adversas principalmente às de baixa incidência. Desta forma fica evidente a importância da manutenção de um programa de farmacovigilância durante a venda dos produtos e de orientações à população.

As plantas do gênero *bauhinia* conhecida como pata de vaca foi citada em um estudo conduzido por Melo *et al.* (2004) com o objetivo de avaliar a qualidade dos produtos vendidos a base do boldo, gingo e pata de vaca. Esta possui efeitos biológicos ou farmacológicos como antifúngicos, antibacterianos, analgésicos, antiinflamatórios e antidiabéticos. Muitos desses efeitos são relatados em literaturas, comprovando e justificando o uso de tal planta na medicina popular (SILVA, FILHO, 2002). O boldo é citado por Matos (1998) *apud* Melo *et al.* (2004) para tratar distúrbios do fígado e colelitíase além de possuir propriedades diuréticas e anti inflamatórias. Fischman *et al.* (1991) *apud* Pilla, Amorozo, Furla (2006), realizaram um ensaio farmacológico com o boldo e o extrato aquoso das folhas de tal planta apresentando a ação hipossecretora gástrica diminuindo a acidez e o volume de secreção do suco gástrico. Câmara *et al.* (2003) asseguram que o óleo essencial de tal planta tem ação relaxante do intestino e atividade antiespasmódica sendo a substância responsável por essa ação o α -pineno. Porém, é necessário ressaltar que o boldo possui efeitos tóxicos podendo causar irritação renal (MARQUES, PETROVICK, 2001 *apud* MELO, 2004). O extrato de sua folha apresenta capacidades de provocar aborto e teratrogenia além de modificações dos níveis de colesterol, glicose e uréia em ratos (ALMEIDA *et al.*, 2000 *apud* MELO, 2004).

Pesquisas tem demonstrado que a *Baccharis genistelloides* também conhecida como carqueja é utilizada como chá para tratar problemas hepáticos, de digestão, malária, úlceras, diabetes, anemia, diarreia, inflamações urinárias, infecções da garganta, verminose, mal de Hansen (VERDI *et al.*, 2005; RUIZ *et al.*, 2008) , aumento de colesterol, perturbação da função erétil, infertilidade do sexo feminino, reumatismo (ALONSO, 1998 *apud* RUIS *et al.*, 2008). Bona *et al.* (2002) *apud* Budel, Duarte (2009) afirmam que o componente principal das fórmulas emagrecedoras produzidas pela indústria de fitoterápicos é a carqueja. Ressalta-se, porém que é contra indicada para gestantes devido aos riscos comprovados de provocar

aborto, além disso, deve ser proibida a sua utilização em pessoas que tratam problemas de pressão por poderem produzir hipotensão (RUIZ *et al.*, 2008).

A hortelã é usada como cosmético e higiênico devido a suas propriedades aromáticas. Existem relatos também de ser usada como repelente (SIMÕES, 1999 *apud* PINHEIRO, DEFANI, s/d). Estes afirmam ainda que a folha do vegetal medicinal mentha usado na forma de chás possui propriedades que previnem e controlam algumas parasitoses principalmente ameba e giárdia, apresentando 90% a 70% de cura. Além das propriedades anteriormente citadas, Madia e Rodrigues (2009) citam também sua eficácia no tratamento da tricomoníase. O chá gelado auxilia na prevenção do vômito, e morno auxilia no combate as inflamações das gengivas e boca se usada como gargarejo e bochechos (PINHEIRO, DEFANI, s/d). Possui ainda ação protetora do fígado, antioxidante, antifúngica, diurética, analgésica, espasmolítica, age como estimulador do apetite e melhora a digestão (CUNHA, SILVA, ROQUE, 2003 *apud* PINHEIRO, DEFANI, s/d.). O óleo da hortelã quando utilizado topicamente na testa em solução de etanol a 10% auxilia na redução da cefaleia tensional (SCHULZ, HANSEL, TYLER, 2002 *apud* PINHEIRO, DEFANI, s/d). Vale lembrar que como qualquer outra planta, a hortelã também possui contra indicações devendo-se desta forma ter cuidado com sua utilização.

Em um inventário de plantas medicinais conhecidas e usadas pela população do distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, São Paulo realizado por Lorenzi & Matos (2002) e Lorenzetti *et al.*, (1991) *apud* Pilla, Amorozzo, Furlan (2006) acreditam que o mirceno encontrado no chá da folha de *Cymbopogon citratus* (capim cidreira ou erva cidreira) é o princípio ativo de ação analgésica levando a população a utilizá-la para tratamento de estado gripal, dores de cabeça e cólica. Silva e Scareli-Santos (2009) as citam também no tratamento da tosse, no controle da hipertensão arterial e como calmante.

O *Plantago major*, popularmente conhecida como tansagem, tanchagem, transagem ou plantagem (LORENZI, 2002; MATOS, 1996 *apud* MOTA *et al.*, 2008) é citada por diversos autores para o tratamento de diversas patologias. Gentil, Robls, Grosseman (2010) relatam sua utilização como forma de tratar dores de garganta, bronquite em crianças e para melhoria da tosse. As formas de preparo citadas por tais pesquisadores era o chá feito puro ou misturado com outras substâncias (especialmente o mel) e/ou ervas, na forma de xarope ou chás. As folhas do vegetal são utilizadas pela população analisada por Samuelsen (2000) para tratar doenças cutâneas, infecciosas, digestivas e respiratórias, para combater tumores, para aliviar dor e diminuir a febre, como purgativa e cicatrizante. Holetz *et al.* (2002) citam também suas propriedades antibacterianas. A presença de alguns constituintes existentes nas folhas da

tansagem garantem lhe propriedades medicinais sendo eles: flavonoides, taninos, mucilagens, saponinas, ácidos orgânicos, sais de potássio, vitamina C e, nas sementes as antroquinonas lhe garantem ação laxativa (JORGE, MAKMAN, 1994 *apud* NASCIMENTO *et al.*, 2007; KAWASLITY *et al.*, 1994 *apud* NASCIMENTO *et al.*, 2007).

França, Baptista, Brito (2008) apontam o romã, cientificamente conhecido como *Punica granatum* como sendo uma das plantas utilizadas para o tratamento de faringite, diarreia e hemorroidas. A parte da planta utilizada é o fruto. Em um estudo realizado no município de Maracanaú-CE com o objetivo de analisar as plantas utilizadas na constituição de medicamentos usados pela população acima de 18 anos, tal vegetal também foi citado sendo a sua casca utilizada para confecção do romã gel, cuja ação é antivirótica para tratar aftas e herpes. Utilizado também na forma de gargarejo, o romã também auxilia no tratamento de problemas na garganta (SANTOS *et al.*, 2009).

Ao realizar uma entrevista com 56 pessoas acima de 20 anos, Madia e Rodrigues (2009), em um levantamento etnobotânico de plantas com propriedade terapêuticas usadas na cidade de Sorocaba (SP) no bairro Aparecidinha, o sumo da folha da babosa (*Aloe Vera*) foi citada pela comunidade para hidratação capilar e no tratamento de queimaduras, o mesmo é relatado por Fontes, Coelho, Gomes (2007). Algumas de suas aplicações citadas não possuem comprovação científica como, por exemplo, sua utilização no tratamento do câncer. Porém, a planta é rica em minerais, vitaminas e saponinas o que a leva a ter efeitos antibacterianos (CORRÊA, 1984 *apud* MADIA, RODRIGUES, 2009; ALBUQUERQUE *et al.*, 2004).

Com relação ao funcho (*Foeniculum*), Fontes, Coelho e Gomes (2007) citam em seu levantamento etnobotânico realizado em Conceição de Ibitipoca, MG, Brasil como sendo utilizado no tratamento de vários problemas. Como calmante, tal planta é utilizada na forma de infusão ou maceração de suas folhas. Gentil, Robles e Grosseman (2010) lembram também de seu uso para cólicas. Piccinini (2008) afirma, porém sua contra indicação durante a gestação devido ação hormonal, emagoga e abortiva.

Como apresentado na tabela 1, o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) possui propriedades medicinais e Madia e Rodrigues (2009) lembram que a folha utilizada na forma de chás auxilia no tratamento da gripe e age como calmante além de ser indicado também para memória como apresentado por Fontes, Coelho e Gomes, (2007).

Como diversas plantas já citadas até o momento, a camomila (*Chamomilla rectitia* (L.) Rauschert) também apresenta propriedades benéficas ao organismo conforme apresentado por Gentil, Robles e Grosseman (2010). Segundo eles, ela é utilizada na forma de chá em crianças para controlar o vômito, para cólicas, como calmante, indutora do sono e para cobreiro. Sua

capacidade de acalmar as pessoas que a utilizam também é apontada por Lima *et al.* (2010). Já Farias *et al.* (2010) citam outros motivos que levam a população de Recife/PE a fazerem uso de tal planta sendo eles para inapetência e náusea.

O confrei, também denominado consolida cujo nome científico é *Symphitum officinale* L., é originado na Europa e na Ásia sendo suas raízes utilizadas como cicatrizantes quando usadas externamente. No Brasil, era usada para facilitar a recuperação quando ocorriam fraturas ósseas. Durante a década de 70, ao ser popularizada sua utilização nos Estados Unidos foi preconizado seu uso também, na forma de chá das folhas para purificar o sangue e para problemas respiratórios (TYLER, 1998 *apud* MENGUE, MENTZ, SCHENKEL, 2001). Silva, *et al.* (2006) lembram também que suas folhas são usadas como cicatrizantes, anti irritantes, hidratante e removedores de tecido necrótico em ferimentos, queimaduras e úlcera varicosas.

Vale ressaltar sempre que para atribuir valores medicinais a uma planta vários parâmetros devem ser avaliados. Devem-se ter claramente definidas as características do vegetal, sua identificação correta, as condições da coleta, do armazenamento, secagem, etc. Mesmo sendo um método natural e de valor terapêutico reconhecido e empregado pela população, não devem ser consideradas inofensivas.

4 DISCUSÃO DOS RESULTADOS

Os estudos revisados abordam a utilização das plantas medicinais por diversas pessoas de níveis sociais e raças diversificadas desde tempos remotos.

Antigamente a aplicação era de forma empírica atualmente, porém, sabe-se que diversas plantas já possuem sua eficácia cientificamente comprovada. Ressalta-se ainda a importância da existência de políticas que invistam em iniciativas para manutenção de pesquisas em tal área para a manutenção desse recurso terapêutico de grande importância para as pessoas.

É reconhecido socialmente a valorização das plantas com poderes medicinais para a prevenção e recuperação da saúde, sendo indispensável a manutenção de educação permanente sobre tal temática e até mesmo a inclusão de disciplinas voltadas para a utilização de recursos terapêuticos alternativos em faculdades de enfermagem e medicina, já que esses deveriam ser pessoas responsáveis e capacitados para fornecerem informações adequadas sobre tal terapia.

Das plantas utilizadas pela população da ESF Monsenhor Gerardo Magela, as mais relatadas por profissionais atuantes em tal unidade de saúde foram hortelã, guaco, alecrim, funcho, camomila, carqueja, confrei, babosa, maracujá, tansagem, romã, gengibre. De acordo com o levantamento bibliográfico, a maioria possui efeitos medicinais comprovados, mesmo assim todas elas devem ser utilizadas com cautela.

5 CONCLUSÃO

Para garantia da assistência integral com qualidade assegurando promoção, prevenção e recuperação da saúde, os profissionais de saúde precisam adquirir conhecimentos sobre a identificação das plantas, forma de preparo, seus princípios ativos, suas indicações e contra indicações. Lembrando sempre de levar em consideração o conhecimento empírico da comunidade local, interagindo desta forma, o saber popular e científico na realização do cuidado primário básico aos pacientes.

Ao realizar esta pesquisa verificou-se que as plantas com finalidades medicinais demonstram ser um forte recurso para o tratamento das mais diversificadas doenças.

A realização do presente trabalho foi de grande importância uma vez que ficou constatado que os indivíduos não deixaram de lado práticas e costumes de seus antepassados. Costumes esses que contribuíram e irão contribuir muito com a saúde dos indivíduos quando utilizado da forma adequada.

Espera-se com este estudo contribuir com o conhecimento popular e profissional mostrando assim a importância da garantia do uso cuidadoso de plantas medicinais já que as mesmas podem causar sérios problemas ao organismo sendo, desta forma, necessário o acompanhamento de um profissional de saúde preparado para orientar os usuários sobre tal prática complementar. Ressalta-se a necessidade de manter constante atualização uma vez que sempre surgirão novas indicações e contra-indicações com relação à utilização das plantas medicinais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, H. N.; ALBUQUERQUE, I. S. L.; ALVES, J. Uso de plantas medicinais no tratamento de répteis em cativeiro: um estudo preliminar. **Revista de Biologia e Ciência da terra**. Paraíba, 2004. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/500/50040104.pdf>. Acesso em 15/10/2011.

ALMEIDA, E.R.; MELO, A.M.; XAVIER, H. Toxicological evaluation of the hydro-alcohol extract of the dryleaves of *Peumus boldus* and boldine in rats. *Phytoterapy Research*, v.14, n.2, p.99-102, 2000 *apud* MELO, J.G. D. *et al.* Avaliação da qualidade de amostras comerciais do boldo (*Peumus boldus* Molina), pata de vaca (*Bauhinia spp.*) e ginkgo (*ginkgo biloba* L.). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.14, n.2: p. 111-120, 2004.

ALONSO, J. R. *Tratado de Fitomedicina - bases clínicas y farmacológicas*. ISIS Ediciones S. R. L., Buenos Aires, Argentina. p. 350-354, 1998 *apud* RUIZ, A. .T.G. *et al.* Farmacologia e toxicologia de *Peumus boldus* e *Baccharis genistelloides*. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.18, n.2. apr./june.2008.

ALVIM, N. A. T.; FERREIRA, M. A. Cuidando de enfermagem pela plantas medicinais. In: FIGUEIREDO, N. M. L. de. *Ensinando a Cuidar em Saúde Pública*. 5, ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2007. Cap.12, p.353-366.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 16, n.2: p. 189-203, 2002.

BALUNAS, M. J., KINGHORN; D. Drug discovery from medicinal plants. **Life Sciences**. v.78: p. 431-41. 2005.

BARATA, Germana. Medicina popular obtém reconhecimento científico. **Ciência e**

Cultura. São Paulo, v. 55, n. 1, Jan. 2003 . Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252003000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15/10/201

BARRELA, W.; BREIER, T. B.; LEME, G. A. Levantamento e Etnobotânico do uso popular de plantas medicinais por comunidades rurais atendidas pela UBSF, Jundiaquara, Aracoiaba da Serra, São Paulo. **Revista Eletrônica de Biologia**, v.3, n.4: p.89-105, 2010. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/reb/article/view/33/4636>. Acesso em 15/10/11.

BRASIL 2006. Decreto nº 5.813 de 22 de junho de 2006. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, jun. 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA. **Caderno de atenção básica: a implantação da Unidade de Saúde da Família**. Brasília: DAS. Coordenadoria de Desenvolvimento de Práticas de Atenção Básica, 2000.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INSUMOS ESTRATÉGICOS. DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA. A fitoterapia no Sus e o Programa de pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos. Série B, **Textos Básicos de Saúde**. Brasília (DF) .Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA. **Relatório do 1º seminário Internacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PNPIC** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009, 196 p.

BONA, C. M. *et al.* Carqueja: Cultive esta idéia. Curitiba: SEAB-PR, 2002. 18p *apud* BUDEL, J. M.; DUARTE, M. D. R.. Análise morfoanatômica comparativa de duas espécies de carqueja: *Baccharis microcephala* DC. E *B. Trimeria* (Less.0 DC, Asteraceae. Brazillian **Journal of Pharmaceutical Sciences**. São Paulo, v.45, n.1, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bjps/v45n1/09.pdf>. Acesso em 03/09/2011.

BUDEL, J. M.; DUARTE, M. D. R.. Análise morfoanatômica comparativa de duas espécies de carqueja: *Baccharis microcephala* DC. E *B. Trimeria* (Less.0 DC, Asteraceae. Brazillian **Journal of Pharmaceutical Sciences**. São Paulo, v.45, n.1, jan./mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bjps/v45n1/09.pdf>. Acesso em 03/09/2011.

CARVALHO, A. C. *et al.* Aspectos da Legislação no controle dos medicamentos fitoterápicos. **T&Amazonia**, ano V, n.11, jun., 2007. Disponível em : https://portal.fucapi.br/tec/imagens/revistas/004_rev011_aspectos_da_legislacao_no_controle.pdf. Acesso em: 27/03/2011.

CAVALLI, V. L. D. L. O. *et al.*. Avaliação in vivo do efeito hipoglicemiante de extratos obtidos da raiz e folha de bardana *Arctium minus* (Hill.) Bernh. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.17, n.1, jan./mar. 2007.

CEOLIN, T. *et al.* Plantas medicinais: transmissão de conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Rev. Esc. Enferm.**, USP, v.45, n.1: p.47-54, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n1/07.pdf>. Acesso em 23/09/2011.

COIMBRA, R 1942. *Notas de fitoterapia*. Rio de Janeiro: Ed. L.C.S.A *apud* SOARES, A. K.A. *et al.* Avaliação da segurança clínica de um fitoterápico contendo *Mikania glomerata*, *grindelia robusta*, *coparfera officinale*, *Myroxylon toluifera*, *Nasturtium officinale*, própolis e mel em voluntários saudáveis. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.16, n.4, out./dez. 2006.

CORREA, M. **Dicionário de plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**.

São Paulo: Ministério da Agricultura, v. 5, p. 9, 1984 *apud* MADIA, F. R.; RODRIGUES, V. Conhecimento popular de plantas medicinais no bairro Aparecidinha na cidade de Sorocaba/SP. **Revista Eletrônica de Biologia. RBV**, v.2, n.3: p.1-38, 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reb/article/view/48/1922>. Acesso em 12/10/2011.

CORTEZ, L.E.R, JACOMOSS, I. E, CORTEZ, D.A.G 1999. Levantamento de plantas medicinais usadas na medicina popular de Umuarama, PR. *Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR* 3: 97-104 *apud* SOARES, A. K.A. *et al.* Avaliação da segurança clínica de um fitoterápico contendo *Mikania glomerata*, *grindelia robusta*, *coparfera officinale*, *Myroxylon toluifera*, *Nasturtium officinale*, própolis e mel em voluntários saudáveis. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.16, n.4, out./dez. 2006.

COUTO, M. E. O. Coleção de plantas medicinais aromáticas e condimentares. **Embrapa Clima temperado**. Pelotas, RS, 2006, 91p. Disponível em: http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/download/documentos/documento_157.pdf. Acesso em 16/07/2011.

CUNHA, A.P.da.; SILVA, A.P.da.; ROQUE, O.R. *Plantas e produtos vegetais em fitoterapia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003 *apud* PINHEIRO, V. C. S.; DEFANE, M. A. Uso medicinal e místico da hortelã pelos alunos das 8^a séries da Escola Estadual São Vicente Palloti. **Revisão bibliográfica das propriedades e potencialidades da planta medicinal hortelã (*mentha X villosa* Huds)**, s/d.

DEVIENNE, K. F.; RADDI, M. S. G.; POZETTI, G. L. Das plantas medicinais aos fitofármacos. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Botucatu, v. 6, n.3: p. 11-14, 2004.

DORIGONI, P.A *et al.*. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular, no município de São João do Polésine, RS, Brasil. I- relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Revista Brasileira Plantas Mediciniais**. Botucatu, v.4, n.1: p.69-79, 2001.

ELDIN S.; DUNFORD A. Fitoterapia na atenção primária a saúde. São Paulo, Manole, 2001 *apud* TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto Contexto- enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.1, jan./mar. 2006.

FARIAS, M.C.de. *et al.* Catalogação de ervas medicinal comercializadas no Mercado Público de São José, Recife/PE, associada a sua utilização. X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2010 – UFRPE: Recife, 18 a 22 de outubro. Disponível em : <http://www.sigeventos.com.br/jepex/inscricao/resumos/0001/R0810-1.PDF>. Acesso em 16/10/11.

FISCHMAN, L.A.; LAPA, A.J.; SKOROPA, L.A. & SOUCCAR, C. 1991. The water e extract od *Coleus barbatu* Benth. decrease gastric secretion in rats. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz** 86 (supl. II): 141-143 *apud* PILLA, M. A. C.; AMAROZO, C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim. **Acta bot. Bras.** São Paulo, Brasil, v.20, n.4 : p.789-802, 2006.

FONTES, D. J.; COELHO, V. A.T.; GOMES, F.T. Uso de Plantas Mediciniais pelos Moradores da Comunidade de Conceição de Ibitipoca, MG. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre, v. 5, n. 1 : p. 237-239, jul. 2007.

FRANÇA, I.S.X., et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira Enfermagem**. Brasília, v.61, n.2: p.201-208, mar./abr., 2008.

FRIEDMAN,,J.; YANIV, Z.; DAFNI, A. & PALE-WITCH, D.A. 1986. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology** **16**: 275-287 apud PILLA, M. A. C.; AMAROZO, C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim. **Acta bot. Bras.** São Paulo, Brasil, v.20, n.4 : p.789-802, 2006.

GARLET, T. M. B.; IRGANG, B. E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Botucatu, v. 4, n. 1: p. 9-18, 2001.

GASPARETTO, J.C., et al. Mikania glomerata Spreng e M. laevigata Sch. Bip.ex Baker, Asteraceae: estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. Curitiba, v.20, n.4, aug./sept.. 2010.

GASSI, R. P. *et al.*. Doses de fósforo e de cama de frango na produção de bardana. **Ciência e Agrotecnologia**. Lavra, v.33, n.3, maio/jun. 2009.

GASPARETTO, J. C.*et al.* Mikania glomerata Spreng e M. laevigata Sch. Bip. Ex Backer, Asteraceae: estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.20, n.4, Aug./sept. 2010.

GENTIL, Luzia Borges; Robles, Ana Carolina Couto; Grosseman, Suely. Uso de terapias complementares por mães em seu filhos: estudo em um hospital universitário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.15, n.1:p. 1293-1299, 2010.

GRAMS, W.F.M.P. Plantas medicinais de uso popular em cinco distritos da ilha de Santa Catarina Florianópolis, SC, 1999 *apud* TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto Contexto- enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.1, jan./mar. 2006.

HOLETZ, F. B., *et al.*, Screening of some plants used in the Brazilian folk medicine for the treatment of infectious diseases. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v.97, n. 7, p. 1027-1031, 2002.

HOULT, J. R.S, PAYÁ, M 1996. Pharmacological and biochemical actions of simple coumarins: natural products with therapeutic potential. *Gen Pharmacol* 27: 713-722 apud GASPARETTO, J. C.*et al.* Mikania glomerata Spreng e M. laevigata Sch. Bip. Ex Backer, Asteraceae: estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.20, n.4, Aug./sept. 2010.

JORGE, L. F.; MARKMAN, B. E. O. Caracterização histológica e química (cromatografia em camada delgada) de *Plantago tomentosa* Lam. (Tanchagem). **Revista Brasileira de Farmácia**, São Paulo, v. 75, n. 1, p. 10-12, 1994 apud NASCIMENTO, E.X., *et al.* Produção de biomassa de *Pfaffia glomerata* (spreng.) Pedersone *Plantago major* L. em cultivo solteiro e consorciado. **Ciência Agrotécnicas**. Lavras, v. 31, n.3:p. 724-730, maio/jun. 2007.

KAWASLITY, A. A.*et al.* M. Flavonoides of *Plantago* species in Egypt. **Biochemical Systematics and Ecology**, [S.l.], v. 22, n. 7, p. 729-733, 1994 apud NASCIMENTO, E.X., *et al.* Produção de biomassa de *Pfaffia glomerata* (spreng.) Pedersone *Plantago major* L. em cultivo solteiro e consorciado. **Ciência Agrotécnicas**. Lavras, v. 31, n.3:p. 724-730, maio/jun. 2007.

LIMA, A. *et al.*. Avaliação in vitro da atividade antioxidante do extrato hidroalcoólico de folhas de bardana. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.16, n.4, oct./dec.2006.

LIMA, V.H.M. *et al.* Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores da vila Velha, Ilha de Itamaracá, Pernambuco, Brasil. X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – JEPEX 2010 – UFRPE: Recife, 18 a 22 de outubro. Disponível em <http://www.sigeventos.com.br/jepex/inscricao/resumos/0001/R0316-2.PDF>. Acesso 16/10/11

LORENZETTI, B.B. *et al.* 1991. Myrcene mimics the peripheral analgesic activity of lemongrass tea. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 34: p. 43-48 apud PILLA, M. A. C.; AMAROZO, C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim. **Acta bot. Bras.** São Paulo, Brasil, v.20, n.4 : p.789-802, 2006.

LORENZI H.; MATOS FJA. Plantas medicinais no Brasil: nativas exóticas. São Paulo. Instituto Plantarum, 2002 *apud* TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto Contexto-enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.1, jan./mar. 2006.

LORENZI H.; MATOS FJA. Plantas medicinais no Brasil: nativas exóticas. São Paulo. Instituto Plantarum, 2002 *apud* SILVA, C. T. A. C.; PELINSON, A. P.; CAMPELO, A. M. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na região urbana no município de Quedas do Iguaçu-Paraná. **Cultivando o Saber**, Cascavel, v.2, n.1: p.14-25, 2009.

MADIA, F. R.; RODRIGUES, V. Conhecimento popular de plantas medicinais no bairro Aparecidinha na cidade de Sorocaba/SP. **Revista Eletrônica de Biologia. RBV**, v.2, n.3: p.1-38, 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reb/article/view/48/1922>. Acesso em 12/10/2011.

MARQUES, L. C.; PETROVICK, P. R. Normatização da produção e comercialização de fitoterápicos no Brasil. In: SIMÕES, C.M.O. *et al.* (org.) *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 3.ed., Florianópolis:Ed. UFSC, p.261-299, 2001 *apud* MELO, J.G. D. *et al.* Avaliação da qualidade de amostras comerciais do boldo (*Peumus boldus* Molina), pata de vaca (*Bauhinia spp.*) e ginko (*ginkgo biloba* L.). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.14, n.2: p. 111-120, 2004.

MARTINS ER.; CASTRO DM.; CASTELLANI DC.; DIAS JE. Plantas medicinais. Viçosa. Ed.UFV, 2000 *apud* TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto Contexto- enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.1, jan./mar. 2006.

MATTOS, J. K. A. **Plantas medicinais**: aspectos agrônômicos. Brasília, DF: Gráfica Gutenberg, 1996. 51 p. *apud* MOTA, *et al.* Crescimento da espécie medicinal tansagem (*Plantago major* L.) em função da adubação fosfatada e nitrogenada. **Ciencia. Agrotec**. Lavras, v.32, n.6: p. 1748-1753, nov./dez., 2008.

MATOS, F.J. de A. Farmácia viva: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 2ª ed. Fortaleza:EUFC, 1994. 180p *apud* PICCININI, G. C. **Plantas medicinais utilizadas por comunidades assistidas pelo Programa de Saúde da Família, em Porto Alegre. Subsídios à introdução da fitoterapia em Atenção Primária em Saúde**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), Brasil, março de 2008.

MATOS, F.J.A 2000. Plantas medicinais: Guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil. 2ed. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC *apud* SOARES, A. K.A. *et al.* Avaliação da segurança clínica de um fitoterápico contendo *Mikania glomerata*, *grindelia robusta*, *coparfera officinale*, *Myroxylon toluifera*, *Nasturtium officinale*, própolis e mel em voluntários saudáveis. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.16, n.4, out./dez. 2006.

MEDEIROS, J. S. *et al.* Avaliação das atividades hipoglicemiantes e hipolipemiantes da casca do maracujá-amarelo (*Passiflora edulis*, f, flavicarpa). **RBCA**. v.41, n.2: p.99-101, 2009. Disponível em: http://www.sbac.org.br/pt/pdfs/rbac/rbac_41_02/03.pdf. Acesso em 24/08/2011.

MENDES, S.S; MENTZ, L.A; SCHENKEL, E.P. Uso de plantas medicinais na gravidez. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. V.11, n.1: p. 21-35, 2001.

MELO, J.G. D. *et al.* Avaliação da qualidade de amostras comerciais do boldo (*Peumus boldus* Molina), pata de vaca (*Bauhinia spp.*) e ginkgo (*ginkgo biloba* L.). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.14, n.2: p. 111-120, 2004.

MOTA, *et al.* Crescimento da espécie medicinal tansagem (*Plantago major* L.) em função da adubação fosfatada e nitrogenada. **Ciência. Agrotec**. Lavras, v.32, n.6: p. 1748-1753, nov./dez., 2008.

MOTOMIYA, A. V. A. *Et al.* **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Belo Horizonte, 12-15 set., 2004.

NASCIMENTO, E.X., *et al.* Produção de biomassa de *Pfaffia glomerata* (spreng.) Pedersone *Plantago major* L. em cultivo solteiro e consorciado. **Ciência Agrotécnicas**. Lavras, v. 31, n.3:p. 724-730, maio/jun. 2007.

NICOLETTI *et al.* Uso popular de medicamentos contendo drogas de origem vegetal e/ou plantas medicinais: principais interações decorrentes. **Revista Saúde**. São Paulo.v..4, n.1, 2010.

PEDROSO A.P.D., *et al.* Isolation of syringaldehyde from *Mikania laevigata* medicinal extract and its influence on the fatty acid profile of mice. **Rev Bras Farmacogn.**, v. 18: p 63-69, 2008.

PEREIRA, N.A, *et al.* 1994. Pharmacological screening of plants recommended by folk medicine as anti-snake venom; IV. Protection against jararaca venom by isolated constituents. *Planta Med* 60: 99-100 *apud* GASPARETTO, J.C., *et al.* Mikania glomerata Spreng e M. laevigata Sch. Bip.ex Baker, Asteraceae: estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. Curitiba, v.20, n.4, aug./sept.. 2010.

PEREIRA, R.C.; OLIVEIRA, M.T.R.; LEMOS, G.C.S. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campos de Goytacazes – RJ. **Rev. Bras. Farmacogn.**, v. 14, n.1 : p. 37-40, 2004

PICCININI, G. C. **Plantas medicinais utilizadas por comunidades assistidas pelo Programa de Saúde da Família, em Porto Alegre. Subsídios à introdução da fitoterapia em Atenção Primária em Saúde.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Agronomia, Universidade Federal do rio Grande do Sul , Porto Alegre (RS), Brasil, março de 2008.

PILLA, M. A. C.; AMAROZO, C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim. **Acta bot. Bras.** São Paulo, Brasil, v.20, n.4 : p.789-802, 2006.

PINHEIRO, V. C. S.; DEFANE, M. A.. Uso medicinal e místico da hortelã pelos alunos das 8ª séries da Escola Estadual São Vicente Palloti. **Revisão bibliográfica das propriedades e potencialidades da planta medicinal hortelã (*mentha X villosa* Huds)**, s/d.

PINHEIRO, R, LUZ , MT. Práticas eficazes X modelos ideais: ação e pensamento na construção da integralidade. In: PINHEIRO R, MATTOS RA, eds. **Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas de saúde.** Rio de Janeiro: UREJ/IMS/ABRASCO; . p. 9-36, 2007.

PIVA M.G. O caminho das plantas medicinais: estudo etnobotânico. Rio de Janeiro, Mondrian, 2002. *apud* MOTOMIYA, A. V. A. *Et al.* **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Belo Horizonte, 12-15 set., 2004.

PLOTKIN, M. J. *Traditional knowledge of medicinal plants: the search for new jungle medicines*. In: AKERELE, O.; HEYWOOD, V.; SYNGE, H. Conservation of medicinal plants. Cambridge; Cambridge University Press, 1991. p. 53-64 *apud* MOTOMIYA, A. V. A. *Et al.* **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Belo Horizonte, 12-15 set., 2004.

QUEIROZ, M.C.S.O. O itinerário rumo às medicinas alternativas: uma análise em representações sociais de profissionais da saúde. **Cad. Saúde Pública**, v. 16, n. 2: p.363-375, abr./jun, 2000.

RODRIGUES, V.E.G; CARVALHO, D.A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio dos cerrados na região do Alto Rio Grande, Minas Gerais. **Revista Brasileira Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.9, n.2: p.17-35, 2007.

RUIZ, A. .T.G. *et al.* Farmacologia e toxicologia de *Peumus boldus* e *Baccharis genistelloides*. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.18, n.2. apr./june.2008.

SAMUELSEN, A. B. The traditional uses, chemical constituents and biological activities of *Plantago major* L.: a review. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 71, p. 1-21, 2000.

SILVA, M.L.; FILHO, V.C. Plantas do gênero *Bauhinia*: composição química e potencial farmacológico. **Química Nova**, v.25, n.3 : p.449-454, 2002.

SILVA, C. T. A. C.; PELINSON, A. P.; CAMPELO, A. M. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na região urbana no município de Quedas do Iguaçu-Paraná. **Cultivando o Saber**, Cascavel, v.2, n.1: p.14-25, 2009.

SILVA, M.I.G., *et al.*, Utilização de fitoterápicos nas unidades básicas de atenção à saúde da família no município de Macanaú (CE). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16, n.4 : p. 455-462, out./dez. 2006.

SIMÕES, C.M.O.; SPITZER, V. Óleos voláteis. In: SIMÕES, C.M.O et al. (Org.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999 *apud* PINHEIRO, V. C. S.; DEFANE, M. A.. Uso medicinal e místico da hortelã pelos alunos das 8ª séries da Escola Estadual São Vicente Palloti. **Revisão bibliográfica das propriedades e potencialidades da planta medicinal hortelã (*mentha X villosa Huds*)**, s/d.

SCHULZ, V.; HÄNSEL, R.; TYLER, V.E. *Fitoterapia Racional*. 4.ed. Barueri: Editora Manole, 2002 *apud* PINHEIRO, V. C. S.; DEFANE, M. A. Uso medicinal e místico da hortelã pelos alunos das 8ª séries da Escola Estadual São Vicente Palloti. **Revisão bibliográfica das propriedades e potencialidades da planta medicinal hortelã (*mentha X villosa Huds*)**, s/d.

SOARES, A. K.A. *et al.* Avaliação da segurança clínica de um fitoterápico contendo *Mikania glomerata*, *grindelia robusta*, *coparfera officinale*, *Myroxylon toluifera*, *Nasturtium officinale*, própolis e mel em voluntários saudáveis. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. João Pessoa, v.16, n.4, out./dez. 2006.

TYLER, V. The new honest herbal. Philadelphia: Stickley, 1978. 254p. *apud* MENDES, S.S: MENTZ, L.A; SCHENKEL, E.P. Uso de plantas medicinais na gravidez. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. V.11, n.1: p. 21-35, 2001.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. **Texto Contexto- enfermagem**, Florianópolis, v.15, n.1, jan./mar. 2006.

VALÊNCIO M.; KEIZO, M. O poder de cura das plantas medicinais. São Paulo, ed. Med., 2000 *apud* SILVA, C. T. A. C.; PELINSON, A. P.; CAMPELO, A. M. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na região urbana no município de Quedas do Iguaçu-Paraná. **Cultivando o Saber**, Cascavel, v.2, n.1: p.14-25, 2009.

VERDI, L.G; BRIGHENTE, I.M.C; PIZZOLATI, M.G. Gênero *Baccharis* (Asteraceae): Aspectos químicos, econômicos e biológicos. **Química Nova**, v. 28, n.1: p. 85-94, 2005.